

Entrevista >> POR ELAINE VIEIRA / evieira@redgazeta.com.br

Vagner de Almeida >> CINEASTA

“A sociedade é bissexual”

Para ativista, a experiência com alguém do mesmo sexo faz parte do desenvolvimento sexual

■ Há quase 25 anos, Vagner de Almeida estuda questões de sexualidade e gênero no Brasil. Mais do que falar sobre isso, Vagner se propôs a dar voz a homossexuais e travestis em seus filmes. A violência contra quem tem coragem de fazer opções diferentes é tema recorrente em todas as suas obras. Violência essa gerada pela intolerância, pelo preconceito e pela hipocrisia. Para ele, grande parte da sociedade é bissexual e se recusa a admitir, muitas vezes para esconder a homossexualidade. “Se a gente aceitar que há outras opções além da relação homem e mulher e desistir de julgar as pessoas pela aparência, vai ficar muito mais fácil viver nesse mundo”, ensina.

■ De onde veio a motivação para fazer filmes sobre homossexuais?

Há anos venho trabalhando com questões de gênero, direitos humanos e saúde. E desde então vinha fazendo muita coisa, como documentários e vídeos educativos para homens HSH (Homens que fazem Sexo com Homens). A ideia era fazer uma trilogia. O primeiro foi o “Borboletas da Vida”, que mostra a transformação de jovens em travestis, seguido por “Basta um Dia”, que mostra o cotidiano dos travestis já assumidos. Mas, quando estava me preparando para fazer o último - hoje em fase de finalização, “Sou Mulher, sou Brasileira, sou Lésbica” -, vi que quase todas as protagonistas dos dois primeiros tinham sido assassinadas. Foi aí que surgiu “Sexualidade e Crimes de Ódio”, para mostrar essa realidade tão bruta vivida pelos travetis.

■ A gente se acostumou com uma imagem do gay glamorizado e você denuncia a violência. Como essas duas realidades se encontram?

A violência contra o gay existe em todas as esferas. A sociedade é homofóbica e intolerante e, por isso, as pessoas preferem, por autodefesa, continuar em seus casulos. Tem a violência que gera mortes, mas tem também a violência cotidiana, de xingamentos, de olhares envidado. Os travestis ainda sofrem com a violência do sistema educacional, da comunidade onde vivem, de tudo o que eles têm que abandonar para se assumir. E tem a violência da própria comunidade GLBT, onde também há discriminação. O que se vê nas paradas gays incentiva essa glamorização. A tal ponto que o maior símbolo das paradas são as Drag Queens, que nem necessariamente gays são. Mas, no fundo, há uma grande desunião, incapaz de mobilizar. Tanto que mesmo com todas essas paradas, até hoje o abaixo-assinado do site Não Homofobia, não tem 1 milhão de assinaturas para movimentar o projeto de lei que criminaliza a homofobia.

■ Você está terminando um filme sobre lésbicas. A violência é maior contra elas? Há muita violência física contra

“A gente vive nas capitais, glamourizando as paradas, acha que é tudo muito normal. Mas o resto do Brasil não está preparado para respeitar essa diversidade”



DOCUMENTOS. Vagner se dedicou a filmar a violência contra homossexuais e travestis

Quem é ele

■ **REPRESENTAÇÃO.** Vagner de Almeida tem 52 anos e é coordenador do Projeto Juventude e Diversidade Sexual da ABIA - Associação Brasileira Interdisciplinar de AIDS - no Rio de Janeiro

■ **AÇÕES.** Faz parte da equipe do Programa de Gênero, Sexualidade e Saúde Sexual nas Comunidades Latinas da Mailman School of Public Health, na Universidade de Columbia, Estados Unidos

■ **TRABALHO.** Diretor de filmes e teatro, ativista, escritor, ator e crítico de teatro, foca seu trabalho nas questões de gênero e sexualidade e a relação entre a exclusão social e saúde (www.vagnerdealmeida.com)

o homem gay, noticiada pelos jornais, inclusive. Mas, no caso das lésbicas, é pior, pois essa violência é velada. Ela começa dentro de casa. O menino afeminado é cobrado para ser macho pelos pais, mas a mulher é achacada, xingada, colocada para fora e tachada de “vergonha da casa”. Por isso, a mulher lésbica está muito mais dentro do armário do que os homens homossexuais. O homem assumido é glamorizado, ele vira cabeleireiro, melhor amigo das mulheres. A mulher que é visivelmente percebida como lésbica não tem a mesma aceitação. Mesmo quando desenvolve atividades tipicamente masculinas.

■ Ela sofre também pelo simples fato de ser mulher...

Exatamente. Em primeiro lugar porque a mulher é mais frágil fisicamente, o que já dá vantagem ao homem. Em segundo lugar, por causa da sociedade em que vivemos, machista, patriarcal, que obriga mulheres a arrumar a casa enquanto o irmão pode sair para jogar bola. A mulher sofre com muitos estigmas, tem salários menores, obrigação de casar, de obedecer, de procriar mesmo quando é lésbica. A cobrança é maior, e a violência consequente dela também.

■ **O homossexual masculino é mais aceito que a lésbica?** De certa forma, sim. O homem vira cabeleireiro, e a mulher,

tem que virar estivadora? Aos poucos, essa mentalidade vai mudando. Assim como a mulher de uma forma geral vem lutando ao longo das últimas décadas para conseguir um lugar ao lado do homem na sociedade, as lésbicas começam agora essa luta pelo reconhecimento. Para elas, é mais difícil sair do armário. Tanto que as lésbicas mais

“A violência contra as lésbicas é velada. Ela começa dentro de casa. A mulher é xingada, colocada para fora e tachada de ‘vergonha da casa’”

novas não se masculinizam, fazem o tipo mais básico, com calça jeans, chapéus. Mas, no filme, as lésbicas destacam uma coisa: elas não querem ser aceitas, querem apenas respeito, como qualquer outra pessoa.

■ A aparência choca mais do que a opção sexual?

Nem todo mundo é igual, nem todo gay é afetado, nem toda travesti é briguenta. Da mesma forma, as lésbicas também podem ser femininas. Algumas pessoas, às vezes, exageram nas roupas, no comportamento. Mas você não tem o direito de julgar ninguém por isso, desde que elas não te agridam nem invadam seu

DIVULGAÇÃO

postura é criticada dentro do próprio movimento GLBT. É uma situação impressionante, mas não chega a ser um fenômeno. É apenas uma coisa que está vindo à tona agora. Com a luta de vanguarda dos homossexuais, os “bi” começaram a se sentir mais confortáveis em se assumir. Nos anos 1990, teve um momento em que a bissexualidade foi muito contestada, porque todo homossexual masculino, quando ainda não podia assumir a experiência com outro homem, se desculpava dizendo que apenas “comia” os homens, que era o ativo, só para não deixar a oportunidade passar.

■ Hipocrisia misturada com preconceito...

A nossa sociedade, na verdade, é completamente bissexual. Não é homossexual, nem travesti, nem lésbica, principalmente se levarmos em conta o número de homens casados que transam com outros homens ou com travestis. A diferença é que, amparados no estereótipo do macho, do “comedor”, eles multiplicam ainda mais os preconceitos, as piadinhas contra gays. Isso, pelo menos até o primeiro gole de bebida alcoólica, quando todos se revelam. Só que, pa-

“A sociedade é homofóbica e intolerante e, por isso, as pessoas preferem, por autodefesa, continuar em seus casulos”

ra a comunidade GLBT, se você, em qualquer momento da sua vida, beijou ou teve relações com alguém do mesmo sexo, você é gay. Eu particularmente discordo. O fato de uma mulher ter beijado uma outra mulher uma vez ou duas não quer dizer que ela seja lésbica. Afinal, você vive num campo de sexualidade em que os desejos afloram e você tem o direito de experimentar e, no futuro, seja de curto ou longo prazo, escolher aquilo que te interessa mais.

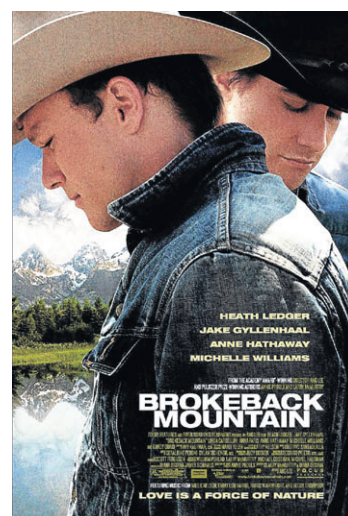
■ A bissexualidade seria apenas uma transição?

A bissexualidade, para mim, é uma ponte, em que você transita de um lado para outro. Mas existe sim a bissexualidade em que você se sente atraído e excitado por ambos os sexos. Mas tem também as pessoas que se escondem na bissexualidade para não assumir 100% o lado homossexual. Muitos escondem para não atingir os filhos de um casamento heterossexual. Mas criança não é preconceituosa. Nós, sociedade, é que fazemos com que ela cresça assim. Nós ainda criamos nossos filhos dentro da heteronormatividade. E aí qualquer coisa que fuja desse padrão vai continuar sendo vista como errada, mesmo que, quando crescer, a pessoa sinta essa atração diferente, o que causa muitos conflitos. Não dá para pensar que o homem nasceu para a mulher, vice-versa e pronto. Pois há sim opções. O desejo pode ser sufocado, mas não vai ser morto, nem por psicólogos, nem por religiões.

■ COMENTE NA WEB

Para o cineasta Vagner de Almeida, a sociedade é bissexual. Você concorda? www.gazetaonline.com.br/forum

Filmes sobre o tema



■ **O SEGREDO DE BROKEBACK MOUNTAIN.** Dois caubóis se conhecem no interior do Wyoming, onde cuidam de um rebanho de ovelhas. Lá surge um amor mútuo, que será compartilhado durante os 20 anos seguintes, em intervalos irregulares, mesmo depois de casados, cada um com sua mulher e filhos. Indicado a oito Oscar em 2006

■ **BABY LOVE.** Emmanuel e Phillipe são um casal e combinam em tudo. Ou quase. Emmanuel sonha em ser pai, Phillipe, não. O problema começa quando Emmanuel decide procurar por uma pessoa que esteja disposta a ser barriga de aluguel de um gay. Sem o apoio de Phillipe, ele corre o risco de perdê-lo

■ **SHORTBUS.** Mostra uma série de personagens desajustados que se encontram num clube de fetiche em Nova York. Apesar de todos frequentarem o local, onde o sexo explícito é praticado, eles se sentem solitários. São amados, mas incapazes de sentir alguma coisa, e é atrás disso que estão durante todo o filme

■ **TUDO SOBRE MINHA MÃE.** No dia de seu aniversário, Esteban ganha de presente da mãe, Manuela, uma ida para ver a nova montagem da peça “Um bonde chamado desejo”, estrelada por Huma Rojo. Após a peça, ao tentar pegar um autógrafa de Huma, Esteban é atropelado e morre. Manuela resolve, então, encontrar o pai de Esteban, que vive em Barcelona, para dar-lhe a notícia, quando encontra no caminho o travesti Agrado, a freira Rosa e a própria Huma Rojo

■ **O PADRE.** Padre jovem e idealista chega à paróquia de Liverpool e descobre que seu superior vive abertamente com uma mulher. Desorientado, é levado por seus próprios desejos homossexuais, ao mesmo tempo em que presta socorro espiritual à garota, que é violentada pelo pai



■ **MADAME SATÁ.** Lapa anos 30: acompanhe o cotidiano e a intimidade de João Francisco dos Santos - malandro, artista, presidiário, pai adotivo, negro, pobre, homossexual - e seu círculo de amigos, antes de se transformar no mito Madame Satá, lendário personagem da boemia carioca